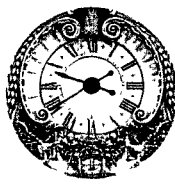


# HISTÓRIA DO TEMPO EM PORTUGAL

ELEMENTOS PARA UMA HISTÓRIA DO TEMPO,  
DA RELOJOARIA E DAS MENTALIDADES EM PORTUGAL

FERNANDO CORREIA DE OLIVEIRA

✓



NOTA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA	5
NOTA DE LUIGI MACALUSO	7
PREFÁCIO	9
CAPÍTULO I	17
Do relógio biológico aos primeiros calendários "portugueses" de há cinco mil anos, ainda e sempre prontos a funcionar, a indicar equinócios e solstícios. E os relógios de sol que os romanos nos deixaram. Mais a história da cientista portuguesa que escreve sobre eles e dirigiu durante trinta anos o mais importante museu da ciência suíço.	
CAPÍTULO II	29
A relojoaria mecânica e o atraso geral português. A primeira relojoaria férrea, grossa ou de torre. Importada ou feita em Portugal. A importância da casa de Lencastre. O "relógio nocturno" de D. Duarte e Frei João da Comenda, o "pai" da relojoaria nacional.	
CAPÍTULO III	39
De como o país foi o centro científico do mundo. De Gil Vicente aos "estrangeirados". Da família Behaim, de Nuremberga, que importava meridianas de marfim e introduziu em Portugal os relógios portáteis. De relógios que falam. E de uns tantos relojoeiros grossos, serralheiros e artilheiros da nossa praça. Quem eram e quanto ganhavam. E do terror da noite.	
CAPÍTULO IV	53
De como os ocidentais entraram na corte do imperador da China através dos relógios e dos autómatos. E de como dirigiram o Observatório Imperial, em Beijing. E o caso do jesuíta português que iniciou a primeira escola de relojoaria no Japão.	
CAPÍTULO V	61
Do Almanach Perpetuum de Zacuto ao Almanaque Bertrand, passando pelo Borda d'Água. Um certo tipo de cultura, para públicos diversos, variegados gostos.	
CAPÍTULO VI	69
Quem diz almanaque, diz calendário. Religioso, primeiro, laico, depois. Civilizacional, sempre. O secular Rito Bracarense. Os calendários perpétuos e os métodos para os construir, como achar a Páscoa, a epacta e a letra de ouro. E a forma de usar as mãos para saber tudo isto. Mais a palíndroma, fenómeno que nos visitará de novo só daqui a um século.	
CAPÍTULO VII	79
Voo errático, de Serpa ao Funchal, sobre alguns casos de relojoaria grossa. Exemplos, poucos, de preservação. O desprezo pelas máquinas medievais e renascentistas. A invasão do electrónico.	
CAPÍTULO VIII	93
Diálogo edificante de um frade com o Infante D. Henrique, tendo por base a imagem de um relógio; e a viagem de 267 anos de um santo, que afinal durou apenas algumas horas; de como a escrita alterou o tempo; o "traidor" Bartolomeu Velho e a clepsidra de Sequeira	

O período em que a Ibéria foi governada por Madrid, os contributos científicos portugueses para a Coroa comum; os relógios de areia, ou ampulhetas, que eram os relógios mais usados a bordo, mais os relógios de sol do padre Carvalho da Costa; a extraordinária viagem de frei Pantaleão de Aveiro, mais o seu relógio de bolso.

## CAPÍTULO X

113

Porque começou Portugal a ser pobre, e nunca mais conseguiu libertar-se de tal; de um príncipe que fazia relógios, mas morreu cedo; de uma princesa que teve dote relojoeiro; e dos padres teatinos, que escreveram sobre estas artes.

## CAPÍTULO XI

121

O tempo popular português. De como o tempo, as horas, o segundo entram nas frases feitas. E de como o corpo humano, os animais, a natureza, as orações entraram na medição do tempo.

## CAPÍTULO XII

127

Magnífico D. João V, que tinha o ouro do Brasil e o gastou, mais os relógios e carrilhões que mandou comprar para Mafra; e a Torre do Relógio que mandou fazer no Terreiro do Paço; dos poetas barrocos, que também gostavam muito de relógios; e de um embaixador no Vaticano, que comprava o que de melhor aparecia e dava festas de pasmar.

## CAPÍTULO XIII

137

A batalha da longitude, que fez avançar a relojoaria e pressionou o nascimento da astronomia e matemática modernas. De como a Inglaterra tomou a dianteira em todo o processo. E de como John Harrison, um carpinteiro autodidacta conseguiu resolver o problema, com os seus cronómetros de marinha; de como Lisboa e a Madeira ficaram na rota desta batalha.

## CAPÍTULO XIV

143

De um frade cartuxo que quis vender um relógio-autómato a D. José; de um Manoel Angelo Villa, "professor-operário" de relojoaria, estabelecido em Lisboa; e a primeira utilização documentada da noção de segundo, na observação de um eclipse lunar, para determinação das longitudes de Lisboa e Évora, usando-se um relógio "com pêndulo de Graham".

## CAPÍTULO XV

151

O terramoto de 1755, que destruiu grande parte do património relojoeiro de Lisboa. E a racionalidade de Pombal, que manda um inquérito a todo o reino, forçando a laicização do tempo português. E as respostas, que nos dão um fresco sobre a relojoaria férrea setecentista no país. Mais a Real Fábrica de Relógios, que o marquês mandou fundar. Mais a princesa Benedita, que assistiu a isto tudo e muito mais, viveu 83 anos e teve uma bela colecção de relógios.

## CAPÍTULO XVI

151

João Jacinto de Magalhães, que foi "estrangeirado" e andou pela Europa, comprando e melhorando relógios e outros instrumentos científicos; o seu relógio para um duque cego e os mecanismos que enviou para Portugal. E o Gabinete de Física da Universidade de Coimbra, que tem máquinas de pasmar. Mais os cronómetros de marinha, de como chegaram a Portugal, e de como os primeiros desapareceram.

## CAPÍTULO XVII

171

A hora pública em Lisboa e no Porto, no século XIX. Veríssimo Alves Pereira, que fez relógios de hora universal, e o seu afã por colocar meridianas que disparavam canhões ao meio-dia, fossem na Torre dos Clérigos ou no Castelo de São Jorge. Outras meridianas que faziam "tiro à peça" quando o Sol chegava ao zénite. O Balão do Arsenal, que também era para dar horas, e a Escola Politécnica, onde tudo isto se ensinava.

## CAPÍTULO XIX

183

A questão do meridiano zero e a invenção do crono-goniómetro. As Exposições Industriais, alguns fabricantes portugueses de relógios que nelas expuseram e um caso aparte, A Boa Reguladora.

## CAPÍTULO XX

201

Augusto Justiniano de Araújo e o seu cosmocronómetro. O seu papel na Fundação da Escola de Relojoaria da Casa Pia. E o "Monteiro dos Milhões", que encomendou a LeRoy o relógio mais complicado do Mundo; que Portugal perdeu, e que hoje está em Besançon.

## CAPÍTULO XXI

211

Maria Pia e a colecção da Ajuda. De como o gosto português pelos relógios vem de longe, e não se resumia à Família Real ou aos nobres. O primeiro manual de relojoaria em português e um defensor da hora decimal, que era contra a hora universal.

## CAPÍTULO XXII

219

Os caminhos-de-ferro e a batalha pela imposição da Hora Legal. Quem a emitia. O Observatório da Ajuda e o relógio do Cais do Sodré. De como os conceitos de "manhã" e "tarde" desapareceram; e de como os relógios passaram a dar só doze badaladas, quando antes davam 24. O sinal horário da Emissora e o "pi" dos telefones. Quem guarda hoje a Hora e o Segundo padrões.

## CAPÍTULO XXIII

231

De Sousa Viterbo e da sua investigação relojoeira, e de como, durante o século seguinte, quase mais nada se investigou. Os relógios de Gago Coutinho e Sacadura Cabral. Mais a colecção de relógios das antigas empresas de comunicações portuguesas. Associações patronais do sector relojoeiro, mais a AIHH. E os primeiros manuais de relojoaria escritos por portugueses.

## CAPÍTULO XXIV

239

O Padre Himalaia e o seu Pyrheliophoro, que aproveitava o calor do Sol e se movia por mecanismo de relógio, também de sua invenção. O mistério dos relógios "nazis", ressuscitado em 1999. A relojoaria férrea de Manuel Francisco Cousinha e de José Pereira Cardina, que equiparam muita torre de igreja e de município do século XX português.

## CAPÍTULO XXV

251

A revista Belora, que falou de relógios durante 30 anos. O renascimento da Escola de Relojoaria da Casa Pia, que se mantém, até hoje, como único estabelecimento do género no país. O contrabando e a saga dos Cauny.

## CAPÍTULO XXVI

261

As horas de Fernando Pessoa. E as de Pisani Burnay, mais o tempo maçónico. Medeiros e Almeida, o maior colecionador português de relógios do século XX. Outros museus de relojoaria portugueses. E o beirão Dimas de Melo Pimenta, que criou a moderna indústria relojoeira do Brasil, ali fundando também um museu de relojoaria; e o curso de relojoaria que ele criou em Portugal.

## CAPÍTULO XXVII

273

António Couto, Joaquim Mendes Paulo, Amândio José Ribeiro, Germano Silva... nomes de portugueses autodidactas que dedicaram a vida aos relógios.

## CAPÍTULO XXVIII

281

Quando o quartzo dá os primeiros passos, e o relógio mecânico parece condenado à morte. O "relógio mais complicado do mundo", de Carvalho Monteiro, regressa por uns dias a Lisboa. E a experiência, curta, de fazer em Portugal uma fábrica de relógios de pulso. A tese sobre o Relógio e o Tempo no Ocidente, de Clara Meneres. E um grupo efémero de estudo da Relojoaria, que funcionou no âmbito da Arqueologia Industrial.

## CAPÍTULO XXIX

289

A maior clepsidra do mundo, que está em Portugal, empacotada. As exposições sobre relógios e o tempo que têm havido por cá. As peças de mestres nacionais e estrangeiros, que vão aparecendo de vez em quando, ao público, saindo de discretas colecções privadas. E um galego que elencou relojoeiros portugueses.

## NOTAS

297

## BIBLIOGRAFIA

303

## AGRADECIMENTOS

315